

Foot-ball Mulato e o imaginário nacional: a atmosfera de sentidos da Copa de 1938

Ronaldo George Helal
Filipe Mostaro

Introdução

A cada quatro anos o Brasil interrompe sua “rotina natural” para torcer pela seleção de futebol na Copa do Mundo. Este evento possui um simbolismo latente que opera significados que fazem sentido à população brasileira desde 1938, como Simoni Guedes (1998) defende. Consideramos os anos 1930, um momento importante na construção de uma ideia de nação. O Brasil passava por um momento de migração da população do campo para a cidade, com uma incipiente industrialização e urbanização e declínio das atividades agrícolas, como a produção do café, por exemplo. Este cenário favoreceu novas acomodações sociais que culminariam em uma ruptura com a estrutura política lastreada pelas oligarquias produtoras de café (Souza, 2008). Na elaboração de uma nova identidade nacional, uma manifestação cultural popular, que se enraizava na prática urbana das massas, seja através da prática ou da assistência (Melo, 2009), foi um dos pilares na elaboração do que seria “autenticamente brasileiro”. O futebol penetrava no imaginário social brasileiro e seria um substrato decisivo para amparar as narrativas sobre a nação ao longo do governo de Getúlio Dornelles Vargas. Com viés nacionalista e autoritário, Vargas representava a vitória dessa nova elite urbana, industrial, frente as elites cafeeiras. Ao tentar sobrepor regionalismos e costurar esta colcha de retalhos que era a sociedade brasileira, o governo Vargas vai elaborar uma “comunidade imaginada” soberana, no sentido proposto por Benedict Anderson (2008), e que terá na simbologia do futebol um de seus maiores alicerces. Como o historiador Eric Hobsbawn enfatiza: “a imaginária comunidade de milhões parece mais real na forma de um

time de onze pessoas com nome. O indivíduo, mesmo aquele que apenas torce, torna-se o próprio símbolo de sua nação” (Hobsbawm, 1990: 171). Assim as seleções nacionais, que em seu início da América do Sul cumpriam, além do aspecto esportivo, funções diplomáticas nas boas relações entre os países vizinhos, emergem como aglutinadoras de sentido das nações, como foi o caso da seleção brasileira de futebol.

Nesta construção da seleção brasileira como um símbolo nacional e “a” representante da nação, podemos sinalizar a forte influência do gênero crônica na elaboração e solidificação de um imaginário nacional em torno do futebol e na proliferação de seus sentidos na sociedade. Consideramos que este gênero consegue interpretar o imaginário presente na sociedade, relacionando-o aos “fatos jornalísticos”, como a participação brasileira na Copa de 1938, por exemplo. Neste artigo, nossa intenção é indicar como a crônica *Football Mulato*, do sociólogo e escritor Gilberto Freyre, publicada no jornal Diário de Pernambuco, além de capturar a atmosfera que envolvia o país durante a Copa de 1938, conseguiu demarcar uma espécie de “pedra fundamental” da construção narrativa em torno do estilo nacional de praticar o futebol, englobando a própria argumentação de Freyre que entendia a miscigenação como algo positivo.

Mesmo não tendo a classificação de “cronista esportivo”, consideramos que Freyre tem um papel preponderante na elaboração da narrativa sobre o “país do futebol”, influenciando cronistas como Mario Filho e Nelson Rodrigues, por exemplo. Freyre, como um dos intérpretes do Brasil Moderno, não deixou de abordar o futebol como elemento importante desta conjuntura. Postulamos que para compreender o contexto na qual a crônica foi produzida, é inevitável nos debruçarmos sobre o imaginário social brasileiro. Essa “bacia semântica” (Durand, 1998) age como principal conector das dimensões históricas, sociais, culturais e políticas de uma narrativa. Acreditamos que o poder dinâmico do imaginário interfere nas narrativas e na atmosfera que auxilia na interpretação de significados da Copa do Mundo no Brasil. No contexto nacional da Copa de 1938, julgamos que esse imaginário também atua na relação da competição com os meios de comunicação, que vão proliferar essas narrativas e constituir um “senso comum” sobre como interpretar e agir neste “quadro social” (Goffman, 2012). Neste sentido, *Football Mulato* estabelece um ponto de partida de como interpretar a “brasilidade” neste “duelo entre nações”.

Temos consciência que o conceito sobre imaginário é vasto e difuso. Deste modo optamos por adotar, durante esta análise, um entendimento mais próximo das propostas de Gilbert Durand (1998), Maffesoli (2008) e Da Silva (2012). Assim, consideramos que este imaginário social que funcionaria como o fio condutor para a formação das representações humanas, influenciando as articulações simbólicas erguidas nas narrativas, permitindo uma elaboração de nós x eles, colaborando para a alteridade e diferenciação dentro das construções sociais. A ideia de atmosfera de Gumbrecht (2014) que influencia na compreensão de sentidos também será usada

por nós na compreensão deste evento no Brasil e no mundo projetado por Freyre em sua crônica. Já na concepção de narrativas e interpretação do mundo do texto que se encontra com o mundo social, as proposições de Ricouer (2010), Motta (2013) e Matheus (2014) guiarão nossa análise.

Com essa base teórica pretendemos dar suporte a análise de uma conjuntura que julgamos crucial nesta construção da Copa do Mundo como um ritual nacional: a competição de 1938. Este seria o momento em que toda a atmosfera vinha sendo construída sobre uma identidade nacional, um rompimento com a antiga identidade, a demarcação de nossas singularidades frente a outros povos e o realce (ainda que singular e impreciso) de características que supostamente seriam inerentes a todos os brasileiros atingem seu ápice, com a influência do Estado Novo, do rádio e que tem no papel de Gilberto Freyre e seu artigo *Foot-ball Mulato* o amálgama que fixa esta concepção.

Procuraremos, através da Análise de Narrativas proposta por Motta (2013), compreender o que Freyre seleciona em sua coluna para reforçar a narrativa criada sobre o “novo Brasil” dos anos 1930, analisando o papel do imaginário na interpretação do mundo que Freyre projeta neste artigo e que será revisitado a cada prática comunicacional operada em função da competição pela imprensa nacional até os dias atuais, mostrando como o imaginário que permeou o *Football Mulato* é uma força crucial no processo comunicacional sobre a Copa do Mundo no Brasil.

A relação futebol e imaginário nacional sintetizada nas crônicas esportivas

Partimos da concepção que contextos, imaginários e narrativas se entrelaçam na projeção de um mundo verossímil aos interlocutores que participam deste processo. Essa articulação é complexa e sofre a influência de uma correlação de forças entre campos, que através dos meios de comunicação erguem representações e classificações sobre a sociedade. Durante os anos 1930, uma associação entre o campo político, social e econômico estruturou narrativas sobre a Copa do Mundo que associavam a seleção de futebol à ideia de identidade nacional. Nesta primeira parte do artigo vamos deslindar por que acreditamos que o local do futebol no imaginário nacional ampara representações como “país do futebol”, apontando a base teórica que guiará nossa análise da coluna de Freyre durante a Copa de 1938.

Consideramos que é no imaginário e pelo imaginário que os signos e simbologias usados nas interações são sustentados. Sem se apoiar no imaginário, a narrativa que fomenta o futebol como um pilar da identidade nacional não faria sentido. A partir da compreensão dessa “bacia semântica” (Durand, 1998) se torna mais confortável a percepção dos movimentos entre campos, das escolhas narrativas e das intenções representacionais. Propomos que essa “bacia semântica” seria um lago onde a sociedade vai buscar em suas águas a base para a compreensão das narrativas

e representações utilizadas na interação constante entre grupos e indivíduos. O imaginário seria este local com um volume imenso de águas, que, ao mesmo tempo em que permanecem nesta bacia, se deslocam, mudam de posição, interagem com novas águas que chegam pela interação de determinados campos com outros. Assim, se amplia esse museu de imagens passadas, possíveis, produzidas e que ainda serão produzidas. Acreditamos na proposição de Durand ao destacar que tais imagens se formam a partir da interação entre as motivações humanas (impulso para narrar), o meio material (meios de comunicação) e social (contexto), chegando ao conceito de “trajeto antropológico” (Durand, 1998). Este trajeto seria o processo narrativo, algo fluído, recebendo interações constantes. Seriam as imagens formuladas ao longo do tempo sobre uma nação, por exemplo, que ajudam a forjar determinadas narrativas. Vejamos tal trajeto que inseriu o futebol no imaginário social brasileiro.

Desde a segunda metade do século XIX o Brasil sofreu uma forte influência britânica em vários campos. Através dos portos, chegavam não só produtos ingleses, mas também práticas culturais que tinham um simbolismo de algo “moderno vindo da Europa”. Esportes britânicos foram se alastrando pelo país e inserindo novos signos possíveis no imaginário nacional (Mascarenhas, 2014). Já no início do século XX, tanto as classes mais favorecidas quanto as menos abastadas praticavam e assistiam ao futebol, que servia como um ritual urbano e “moderno” para uma população que aos poucos deixava o campo para morar nas cidades (Melo, 2009). O esporte ia ganhando espaço nesta “bacia semântica” como um referencial facilmente acionado e reconhecido pela população brasileira. Sevcenko (1994) e Sarmiento (2013) destacam o Sul-Americano de 1919 como o momento em que o futebol “ganhava as massas” e se tornava uma prática social amplamente difundida no país. As simbologias e imagens construídas pela vitória brasileira nesta competição criaram uma atmosfera que influenciaria até mesma a composição da primeira música brasileira dedicada ao futebol: o chorinho 1 x 0 de Pixinguinha. Aqui temos o entendimento de que este imaginário será sempre algo em construção, sendo influenciado pelos conflitos internos constantes da sociedade e seus campos. Reforçar e expandir a narrativa do futebol como algo popular, ao mesmo tempo em que servia a determinados campos, encontrava no imaginário nacional seu maior subsídio.

Concordamos com Michel Maffesolli (2008) na compreensão do imaginário como algo dinâmico e plural. Por conta destas características, acreditamos que o imaginário serve de base, como um fio condutor para narrativas, representações e mapas culturais sobre as nações, como as erguidas pelo jornalista esportivo Mario Filho. Em suas colunas o jornalista fazia alusões constantes ao futebol quando pretendia “explicar” o país, antes mesmo da crônica Football Mulato, como Silva (2006) destaca. Principalmente ao propor que este esporte seria um instrumento fundamental na inserção do negro na sociedade brasileira, como o trabalho de José Leite Lopes (1994) enfatiza. Essa visão otimista de Mario Filho, que desde os anos 1920 reforçava

este lado democrático do futebol em seus textos, projetava um mundo e auxiliava no reforço do futebol como uma “água facilmente acessada” neste “lago” que seria o imaginário nacional. Em suma, quanto mais se praticava e se falava sobre o futebol, mas ele se consolidava neste referencial imediato do brasileiro.

Com a chegada de Getúlio Vargas ao poder em outubro de 1930, as movimentações entre campos, que desde a década de 1920 procuravam erguer a ideia de “um novo Brasil”, encontraram o momento propício para estabelecer as bases deste “novo país”. Com o poder mobilizador que o futebol adquiriu, ele não foi deixado de fora desta construção identitária. Mais do que isso, foi um dos seus principais sustentáculos. Neste processo de formação de um Estado-nação, erguer características singulares que demarcariam uma diferença frente aos outros povos se torna determinante. Neste prisma, o futebol e o samba, por exemplo, surgem como exemplos de brasilidade e da incorporação do negro na sociedade. Jogadores como Leônidas da Silva e Domingos da Guia ao mesmo tempo em que ganhavam status de ídolos nacionais através das transmissões radiofônicas, serviam para a narrativa de “democracia racial” se enraizar no imaginário nacional. Desta maneira, além de fonte para as narrativas, o imaginário também funciona como alimentador de símbolos e imagens, como salienta Juremir Machado da Silva (2012).

Este processo, logicamente, foi repleto de embates. O mito das três raças: branco, índio e negro, que segundo Freyre teriam originado o Brasil, tem nas proposições do autor uma originalidade no sentido de demarcar todo brasileiro como miscigenado e de enfatizar esta miscigenação como algo positivo, em contraponto a outros pensadores que, antes dele, a designavam como a causa maior de “nosso atraso social”, como Nina Rodrigues, Silvio Romero e Euclides da Cunha. Sobre este embate entre diferentes ideologias, Ortiz (2012) reforça que a luta para definir uma identidade autêntica indica os interesses divergentes de grupos sociais na sua relação com o Estado para delimitar fronteiras de uma política que procura na autenticidade dessa nova identidade e representação do “nacional” uma forma de se legitimar. Como Simone Sá (2004) ressalta, a ideia de autenticidade cultural é uma construção política e reforça uma ideologia, exatamente o que se buscava nos anos 1930 no Brasil.

Nesta busca por essa autenticidade, as ideias de Freyre, que valorizavam a formação híbrida da sociedade brasileira, vão promover um pensamento que se torna propício para a concepção de nação que se buscava naquele momento. Araújo (2009) destaca que a obra *Casa Grande e Senzala* (1933) de Freyre vai reorientar o entendimento da mestiçagem no país. Em um contexto de efervescência de concepções que procuravam definir e entender o que era o Brasil, Freyre projeta a ideia de um “antagonismo em equilíbrio”, influenciando a noção de um convívio harmônico entre as diferenças. Uma das “provas” era o sucesso dos clubes de futebol que contavam com negros, brancos e índios. Esse simbolismo, reforçado pelos jornais, aliado à força do futebol na sociedade se entrelaçavam, projetando imagens que iam ao encontro ao

que Freyre pregava, permitindo que o futebol e todo o seu imaginário construído desde a sua chegada ao Brasil sintetizasse esta ideia. Como Ortiz (2012) enfatiza, o pensamento de Freyre possibilitou uma “afirmação inequívoca de um povo que se debatia ainda com as ambiguidades de sua própria definição” (Ortiz, 2012: 42).

É importante destacarmos que essa narrativa é um processo e que Freyre em sua crônica consegue captar essa “ambiência” (Gumbrecht, 2014) ao escrever *Foot-ball Mulato*. Em suma, Freyre não cria essa ideia “do nada”. Este processo narrativo contínuo já era visto em outras crônicas, como a de José Lins do Rego, escrita logo após a conquista brasileira da Taça Rio Branco em Montevidéu, contra os uruguaios, na ocasião, bicampeões olímpicos (1924-1928) e campeões mundiais (1930):

Os rapazes que venceram em Montevidéu eram um retrato de uma democracia social, onde Paulinho, filho de família importante, se uniu ao negro Leônidas, ao mulato Oscarino, ao branco Martim. Tudo feito à boa moda brasileira, na mais simpática improvisação. (...) Eu acredito no Brasil, nas qualidades eugênicas dos nossos mestiços, e na inteligência dos homens que a terra brasileira forjou com sangues diversos, dando-lhes uma originalidade que será um dia espanto do mundo (Rego apud Rodrigues Filho, 1943: 7-8).

Nestas disputas entre campos, o imaginário nacional era tanto abastecido com as representações que cada campo engendrava como a correta, quanto fornecia a base para tais construções discursivas. Nessa ação recíproca que ocorre entre imaginário e as narrativas, determinados sentidos e imagens são direcionados, arquitetando representações e erguendo-se maneiras de ver o mundo, de como agir, de como interagir e o que se esperar e pensar do outro.

Compreendemos a narrativa como uma dinâmica constante de trocas, um jogo, principalmente entre o mundo do leitor e do autor. A narrativa é uma relação de *coconstrução* de sentidos entre os interlocutores da interação, como defende Motta (2013). Neste prisma, Motta (2013) aborda que um relato que contém elementos de verossimilhança com o mundo do leitor (imaginário e contexto) se torna passível de ser compreendido como real. Outra proposição do entendimento da narrativa que adotamos é a de Paul Ricouer (2010). Ricouer compreende que o ponto central da construção narrativa está na constituição da intriga. A intriga seriam as ações humanas que o narrador escolhe para seu discurso, ordenando-as, dando-lhes sentidos e rejeitando outras ações. Como entendemos o imaginário como a base para tal narrativa, consideramos que é nesta intriga que se escolhe algo presente no imaginário e se descarta outro, indicando qual mundo o narrador deseja projetar.

Neste sentido, a compreensão e interpretação dessas escolhas devem sobrepor a sua explicação, aproximando-nos da hermenêutica na Comunicação, que seria uma teoria que permitiria a análise na qual os significados não estão exclusivamente

nos textos, “mas no choque entre o mundo do texto e o mundo social” (Matheus, 2014). Como Letícia Matheus (2014) destaca, esta contribuição da hermenêutica não indicaria um relativismo de que qualquer interpretação e seleção da intriga é válida para criar esse “real” e sim que existem processos que validam essas interpretações e que a relação do texto com o mundo exterior importa, bem como o mundo que a obra projeta, mostrando como a comunicação age sobre o mundo. Ou seja, o texto precisa captar o que circula na sociedade, o que está nas águas desse lago (seu referencial). A narrativa necessita, mesmo projetando um mundo “real”, corresponder à atmosfera, estando em sintonia com o vivido. Em suma, a narrativa não inventa um mundo, ela busca no imaginário suas bases e pode sim, por conta de projetar tal cenário e intriga como “o real”, influenciar nas ações dos indivíduos.

Para nós este é exatamente o papel da crônica que, ao associar o “real” jornalístico com a dinâmica social, consegue captar esta atmosfera presente na sociedade e moldar determinadas representações. Motta (2013) esclarece esta questão postulando que a narrativa é também construída “pelos ingredientes da situação comunicativa (quadro espaço-temporal, objetivos dos participantes, correlações de poder etc.) e pelo contexto sociocultural (representações mentais, estereótipos, modelos de mundo e memória afetiva etc.) que os interlocutores trazem para o ato da fala” (Motta, 2013: 13). O cronista tem essa capacidade de unir essa porção do lago presente na sociedade com o seu mundo, estabelecendo uma relação de *coconstrução* de sentidos com o leitor, que, por sua vez, interpretará de forma mais crível a narrativa do cronista.

Assim, com os significados que o futebol proporcionava sendo sedimentados na sociedade brasileira, estavam postas as bases para, mais do que construir, tornar verossímil para o brasileiro a construção do “país do futebol”. Nesta elaboração, o simbolismo e as imagens presentes no imaginário (referencial) vão sustentar uma ideia de nação que encontrou na Copa do Mundo seu ritual mais efusivo. Este simbolismo vai amparar as ações dos participantes daquela sociedade, e ser uma peça de junção dos que fazem parte deste grupo social. Sem esses símbolos, vindos do imaginário, a sociedade não proporcionaria significação aos seus atos, sendo impossível a interação.

Neste ponto, o papel da crônica esportiva é fundamental. Acreditamos que esse imaginário é acionado pelos meios de comunicação, o que Da Silva (2012) entende como “tecnologias do imaginário”. É através da mídia que se seleciona uma parte do “lago” e procura “solidificar essa porção” como a correta, e com a repetição do argumento, introduzir um “senso comum” que permeará a sociedade. Mais do que isso, através de repetição da interação que buscará sempre nas mesmas águas a “explicação”, forma-se uma singularidade daquela imagem que seria plural. Ao se buscar sempre a mesma referência, se cria um padrão de interação que pode levar a crer que referenciais diferentes daqueles padronizados podem estar mais longe do “real”, serem antiquadas, “errados”, “delírios” e “fantasias” sem sentido. Ao se

enraizar os sentidos em apenas um trecho desta bacia semântica ampla e plural, se torna comum aos que participam daquela interação buscar primeiramente naquela referência padronizada as suas significações e orientações para os quadros de experiência social. O imaginário continua plural, mas é na escolha do que se traz deste imaginário para elaborar a narrativa e conseqüentemente a representação, que se tenta torná-lo singular.

Aqui, não insinuamos uma posição maquiavélica do papel do narrador. Toda narrativa tem uma intenção, ela busca projetar um mundo, que ao encontrar com o mundo do leitor pode ou não ser “aceita”. A narrativa funciona, então, como um processo de constituição de realidade, articulando vários elementos para formar significados. Ela cria mundos em associação com o imaginário, por exemplo, configurando relações de poder e disputas pela interpretação de cada sentido. Ela demarca o “natural”, o consenso e o que será familiar a todos, ao mesmo tempo em que frisa o que será o “desviante”, o “não familiar”, o “diferente”, o “outro”, conforme nos esclarece Moscovici (2012). Daí a força da coluna de Freyre ao demarcar o “nascimento” de nosso estilo de jogo baseado no improviso, que ganharia ao longo das Copas do Mundo e com as crônicas esportivas, o conceito de futebol-arte. Não jogar esse “estilo” seria fugir da “nossa essência”, do familiar e tradicional, já esperado pelo brasileiro e cobrado como *performance* neste quadro social chamado “Copa do Mundo”.

Atmosfera e o Foot-ball Mulato

Vimos até aqui o papel plural do imaginário como a fonte de todas as interações, narrativas e representações. Sua circulação entre “real” e “ilusório” permite uma amplitude que o faz transbordar, ultrapassar o chamado “concreto”. Neste sentido, o imaginário também seria a atmosfera que circunda a sociedade e ao mesmo tempo influência nas ações e impulsos, acelerando-os. Maffesoli (2008) busca na ideia de “aura” de Walter Benjamim a compreensão para essa atmosfera que o imaginário provoca, que extrapola a “obra” em si e seus sentidos.

A atmosfera estará plainando sobre cada contexto e, sobretudo, de maneira mais intensa, em cada ritual de interação, especificamente no nosso caso, a Copa do Mundo. Maffesoli (2008) reforça este caráter distinguindo o imaginário de cultura, onde a cultura pode ser explicada, enquanto o imaginário não se consegue desvendar, nem captar, enquadrar, propondo que “o imaginário é o estado de espírito de um grupo, de um país, de um Estado-nação, de uma comunidade”. Exatamente o que acreditamos ocorrer com o imaginário da Copa do Mundo no Brasil. É por conta deste imaginário que se tem o vínculo social, o cimento social, aquilo que une, liga as pessoas, que as faz agir, potencializando o “por em prática” e as inserindo na mesma atmosfera, dando sentido à sua narrativa, concretizando e tornando vívidas

emoções e afetos que pairavam no “ilusório”, como a noção da miscigenação como algo positivo, por exemplo.

Acreditamos que as ações daqueles que integram este ritual “Copa do Mundo”, inclusive os jornalistas, tem sua base neste imaginário, nesta aura e atmosfera que circunda a competição no Brasil. É impossível se deslocar de tudo isso, ir para um local sem que essa fonte não apareça nas referências, para se buscar uma objetividade e neutralidade. Acreditamos que o mundo que Freyre projetará em seu artigo não foge a essas características. Como Da Silva (2012) destaca, o imaginário tudo contamina, é como algo que está “no ar”, transcende o texto e os sentidos, induz, atua no convencimento pela emoção de estar envolvido naquela atmosfera.

Aqui apresentamos a proposição que a narrativa é muito mais que um texto, ela é um processo, é a capacidade humana de se apropriar do mundo (Ricoeur, 2010). O artigo de Freyre, além de projetar um mundo de sentido, possui relações com o contexto, com o imaginário, etc. Nesta linha argumentativa o alemão Hans Ulrich Gumbrecht (2014) destaca o *Stimmung*, que apesar de difícil tradução, significaria “ler para conhecer a intriga”. Esta expressão busca a compreensão tanto de uma força interior, que não pode sequer ser circunscrita com grande precisão (para nós o imaginário), quanto algo objetivo que está a sua volta e exerce uma influência (o ritual Copa do Mundo). A narrativa afeta os leitores e influencia no tom e na atmosfera que o texto provoca, ao mesmo tempo em que essa atmosfera (imaginário), como vimos, também concede ingredientes à narrativa. Gumbrecht destaca que nesta ideia de *Stimmung*, nem tudo está ligado a representação, ela pode ser feita diretamente pelo impulso que está presente na atmosfera. Ou seja, não é necessário compreender toda a representação de um esporte ou de um jogo para senti-lo e se envolver. Quantas pessoas não gostam, não acompanham, mas durante a Copa sentem, gritam e choram por conta do futebol, se envolvendo na atmosfera proporcionada pelo imaginário da Copa do Mundo.

Assim, na relação recíproca de se criar uma narrativa para um “novo Brasil” com base no que havia no imaginário nacional, a Copa de 1938 se apresenta como palco ideal para essa construção da seleção nacional como representante da nação. Foi a partir desta competição que os brasileiros pararam para acompanhar o torneio. A primeira transmissão de rádio ao vivo de uma Copa do Mundo ocorreu em 1938, com Gagliano Neto pela Radio Club Brasil (Guerra, 2012). Getúlio mandou instalar alto-falantes nas principais praças públicas de capitais brasileiras e denominou sua filha, Alzira Vargas, como a “madrinha da seleção”.

Essa associação nos ajuda a compreender a atmosfera criada em torno da competição, ao mesmo tempo em que nos indica como o papel do futebol nesta bacia semântica legitima este discurso. Caso fosse de outro esporte, naquele contexto, suspeitamos que não possuísse o mesmo simbolismo. Também entendemos que a mediação do rádio foi um fator decisivo na propagação da narrativa de brasilidade

pretendida pelo governo. Vargas aproveitou o imediatismo e o poder de alcance deste veículo para integrar um território extenso e unificar o discurso pretendido pelo Estado Novo. Essa simbiose rádio e futebol ajudou a incutir ideais do que seria o “brasileiro” durante o governo Vargas e catapultaram a seleção brasileira de futebol como representante da pátria. A narrativa do campo dominante naquele contexto chega ao número cada vez maior de pessoas, auxiliando na elaboração do imaginário do “país do futebol”. Confiamos que o rádio contribuiu notavelmente ao sedimentar esse pensamento no imaginário social brasileiro.

Este relato contido no Diário de Pernambuco do dia 15 de junho de 1938 ajuda na compreensão desta atmosfera que a Copa de 1938 possibilitou no país

A cidade viveu ontem momentos de intensíssima vibração. As repartições públicas e o comércio, na maioria de suas casas, fecharam as portas. Isso concorreu para que as ruas apresentassem um aspecto extraordinário. Todos os cafés e “restaurants” que tinham rádio viram-se invadidos pela multidão. Em frente do Diário de Pernambuco, foi instalado poderoso alto-falante. Cerca de 10 mil pessoas assistiram dali à irradiação do jogo. (...) Ao se anunciado o resultado final, os aplausos assumiram proporções frenéticas. Alguns jovens do comércio organizaram uma passeata, conduzindo o pavilhão nacional de baixo de entusiásticas aclamações (Diário de Pernambuco, 15/06/1938, p. 11).

Em meio a esta “festa”, um repórter (infelizmente a matéria não cita seu nome) entrevista Gilberto Freyre, como descreveremos abaixo na matéria *O team afro-brasileiro e a sua admirável performance*:

Como aprecia a vitória do nosso “team” o escritor Gilberto Freyre. No meio da multidão que se comprimia ontem defronte do Diário de Pernambuco, misturado a massa popular, vimos o escritor Gilberto Freyre, umas das maiores expressões da sociologia brasileira e americana. O repórter se acercou do escritor da “Casa Grande e Senzala” e pediu a sua opinião sobre a vitória do team brasileiro, onde figuravam seis homens de cor, num quadro de onze jogadores. O Sr. Gilberto Freyre fez-nos então as seguintes declarações: “- Creio que uma das condições da vitória dos brasileiros nos encontros europeus é o fato de desta vez termos tido a coragem de mandar para a Europa um “team” francamente afro-brasileiro. Os arianistas que tomem nota disto (Diário de Pernambuco, 15/06/1938, p.16)

O Brasil acabara de vencer a Tchecoslováquia após o jogo de desempate e estava entre os quatro melhores times do mundo. Era melhor posição alcançada pela seleção brasileira até então, já que na Copa de 1930, no Uruguai, e em 1934,

na Itália, a equipe foi eliminada na primeira fase. O “desejo” e a “comprovação” de que “nosso futebol” era o “melhor do mundo” se deslocava rapidamente de uma “ilusão” do imaginário nacional para desembocar em uma narrativa que buscava projetar um mundo onde as aspirações de um “projeto de nação” se cristalizavam e estavam “prestes a se concretizar”.

Aqui chegamos ao objeto central de análise deste artigo. *Foot-ball Mulato* é fruto desta atmosfera que descrevemos anteriormente. As noções do que seria entendido como nacional, das distinções do brasileiro frente a outros povos e da exaltação da miscigenação vão ter no simbolismo erguido pela competição, na atuação da equipe e nas referências do imaginário sobre o futebol, a passagem da ideia de “democracia racial” como algo “fantasioso” para o “real”. O artigo impacta de maneira profunda a concepção que o brasileiro fazia de si mesmo. Acreditamos que a justificativa de sua análise se mostra pela notoriedade de como, até hoje, as narrativas da imprensa sobre a competição e sobre o “ser brasileiro” buscam neste imaginário, auxiliado e sedimentado por Freyre, a sua maior referência.

Como já salientamos, o artigo *Foot-ball Mulato* não foi construído a partir de um “vazio”. Acreditamos que os tais impulsos e emoções vindas do imaginário atuam na motivação de Freyre para escrevê-lo. Era um contexto propício para que ele reafirmasse suas ideias. Confiar no talento nacional deixava de ser um “devaneio” e tornava-se algo “concreto”. Os gols de Leônidas e suas jogadas são o que Freyre escolhe para projetar o seu mundo. Essa porção afro-brasileira dessa bacia semântica não só nos representaria, mas seria a causa de nosso sucesso.

Interpolaremos na sequência, alguns trechos com observações e comentários que julgamos pertinentes para reforçar o papel do imaginário nesta construção de um mundo que Freyre projetava e que será não só compreendido, mas enraizado como “o” embrião do “país do futebol” e do pensamento do futebol-arte.

Um repórter me perguntou anteontem o que eu achava das “admiráveis performances brasileiras nos campos de Strasburgo e Bordeaux”. Respondi ao repórter – que depois inventou ter conversado comigo em plena praça pública, entre solavancos da multidão patriótica na própria tarde de vitória dos brasileiros contra os tchecoslovacos – que uma das condições dos nossos triunfos, este ano, me parecia a coragem, que afinal tivéramos completa, de mandar à Europa um team fortemente afro-brasileiro. Brancos, alguns, é certo; mas grande número pretalhões bem brasileiros e mulatos ainda mais brasileiros (*Football-Mulato*. Diário de Pernambuco, 17/06/1938, p.4).

Aqui, Freyre marca a presença do negro e do mestiço em toda essa atmosfera, reforçando suas próprias ideias ao destacar o lado mulato da equipe. Nas ações escolhidas por Freyre, ele ressalta que era um ato de coragem enviar um time com

brancos, negros e mulatos para representar a nação. Em seguida, o sociólogo aproveita para indicar o “modelo anterior” de país, no qual a miscigenação era alijada da representatividade nacional.

Porque a escolha de jogadores brasileiros para os encontros internacionais andou por algum tempo obedecendo ao mesmo critério do Barão do Rio Branco quando senhor-todo-poderoso do Itamaraty: nada de pretos nem mulatos chapados; só brancos ou então mulatos tão claros que parecessem brancos ou, quando muito caboclos, deviam ser enviados a do ilustre o estrangeiro. Muitos do tipo Domicio da Gama a quem Eça de Queiroz costumava chamar, na intimidade, de “mulato cor-de-rosa”. Morto Rio Branco, desaparecia o critério anti-brasileiro do Brasil se fingir república de arianos perante os estrangeiros distantes que só nos conhecessem através de ministros ruivos ou de secretários de legação de olhos azuis. E de tal modo desapareceria o falso e injusto critério da seleção de louros que o próprio Barão seria substituído no Itamaraty por mulatos ilustres – um deles o grande brasileiro que foi Nilo Peçanha (*Football-Mulato*. Diário de Pernambuco, 17/06/1938, p.4).

Freyre critica um lado “antibrasileiro” que “fingia ser um país de arianos”, colocando essa escolha como um “absurdo”, longe do que seria a realidade nacional, ajudando a reforçar a sua ideologia como “correta” e aquela que definia o “país de verdade”. A referência a Nilo Peçanha é emblemática e simbólica para o contexto:

Nilo Peçanha...Assistindo, também anteontem, à fita que reproduz o jogo dos brasileiros contra os poloneses, foi de quem me lembrei – de Nilo Peçanha. Porque o nosso estilo de football lembra seu estilo político. O nosso estilo de jogar football me parece contrastar com o dos europeus por um conjunto de qualidades de surpresa, de manha, de astúcia, de ligeireza e ao mesmo tempo de espontaneidade individual em que se exprime o mesmo mulatismo de Nilo Peçanha foi até hoje a melhor afirmação na arte política. Os nossos passes, os nossos pitu's, os nossos despistamentos, os nossos floreios com a bola, o alguma coisa de dança e de capoeiragem que marca o estilo arredonda e adoça o jogo inventado pelos ingleses e por eles e por outros europeus jogado tão angulosamente, tudo isso parece exprimir de modo interessantíssimo para os psicólogos e os sociólogos o mulatismo flamboyant e ao mesmo tempo malandro que está hoje em tudo que é afirmação verdadeira do Brasil (*Football-Mulato*. Diário de Pernambuco, 17/06/1938, p.4).

A ideia de miscigenação passa a demarcar um estilo diferente dos demais países, principalmente dos europeus. Isso se encaixa com a proposição desta “nova iden-

tidade” que buscava algo tipicamente nacional, que não precisava buscar nada do “estrangeiro” que teria no brasileiro as virtudes necessárias para uma nação progredir. A dança, a capoeiragem, a malandragem e as expressões corporais vindas dos negros, se tornam a distinção e afirmação do brasileiro. Todas elas estariam sintetizadas, segundo Freyre, no estilo nacional de jogar futebol:

Acaba de se definir de maneira inconfundível um estilo brasileiro de foot-ball; e esse estilo é mais uma expressão do nosso mulatismo ágil em assimilar, dominar, amolecer em dança, em curvas ou em músicas técnicas europeias ou norte-americanas mais angulosas para o nosso gosto: sejam elas jogo ou de arquitetura. Porque é um mulatismo, o nosso – psicologicamente, ser brasileiro é ser mulato – inimigo do formalismo apolíneo – para usarmos com alguma pedanteria a classificação de Spenger – e dionisíaco a seu jeito - o grande jeitão mulato. Inimigo do formalismo apolíneo e amigo das variações; deliciando-se em manhas molleronas, mineiras a que se sucedem surpresas de agilidade. A arte do songa-monga. Uma arte que não se abandona nunca à disciplina do método científico mas procura reunir ao suficiente de combinação de esforços e efeitos em massa a liberdade para a variação, para o floreio, para o improviso. Até mesmo a liberdade para a ostentação ou para a exibição de talento individual num jogo de que europeus têm procurado eliminar quase todo o floreio artístico, quase toda a variação individual, quase toda a espontaneidade pessoal para acentuar a beleza dos efeitos geométricos e a pureza de técnica científica. Sente-se nesse contraste o choque do mulatismo brasileiro como o arianismo europeu (*Football-Mulato*. Diário de Pernambuco, 17/06/1938, p.4).

Além de propor uma espécie de “antropofagia cultural” em amolecer as técnicas europeias e norte-americanas, adaptando-as as nossas realidades, Freyre esgarça o argumento na tentativa de diferenciar nosso estilo. O “ser inimigo do formalismo”, projeta uma ideia e reforça uma narrativa de país da festa, na categorização presente no artigo, dionisíaco, dominado pelas emoções e impulsos.

É claro que mulatismo e arianismo considerados não como expressões étnicas mas como expressões psicosociais condicionadas por influência de tempo e de espaço sociais. O contraste pode ser alongado: o nosso foot-ball mulato, com seus floreios artísticos, cuja eficiência – menos na defesa que no ataque – ficou demonstrada brilhantemente nos encontros desse ano com os poloneses e os tchecoslováquios é uma expressão de nossa formação social democrática como nenhuma. Rebelde a excessos de ordenação interna e externa; a excessos de uniformização de geometrização, de standartização; a totalitarismo que fazem desaparecer a variação individual ou espontaneidade pessoal. No foot-

-ball como na política, o mulatismo brasileiro se faz marcar por um gosto de flexão, de surpresa, de floreio que lembra passos de dança e de capoeiragem. Mas sobretudo de dança. Dança dionisíaca. Dança que permita o improviso, a diversidade, a espontaneidade individual. Dança lírica. Enquanto o foot-ball europeu é uma expressão apolínea – no sentido spengleriano – de método científico e de esporte socialista em que a pessoa humana resulta mecanizada e subordinado ao todo – o brasileiro é uma forma de dança, em que a pessoa humana se destaca e brilha. O mulato brasileiro deseuropeizou o foot-ball dando-lhe curvas, arredondados e graças a dança. Foi precisamente o que sentiu o cronista europeu que chamou aos jogadores brasileiros de “bailarinos da bola.” Nós dançamos com a bola. Havelock Ellis – que o meu amigo Agrippino Grieco não sei porque supõe um simples Mantegazza inglês, quando Ellis é, na verdade, um dos pensadores mais lúcidos e humanistas mais completos do nosso tempo – se visse o team brasileiro jogar foot-ball acrescentaria talvez um capítulo ao seu ensaio magnífico sobre a dança e a vida. O estilo mulato, afro-brasileiro, de foot-ball é uma forma de dança dionisíaca (*Football-Mulato*. Diário de Pernambuco, 17/06/1938, p.4).

O artigo de Freyre ganha importância no imaginário nacional como uma forma de concretizar esse aspecto abstrato da mestiçagem como algo positivo. A ideia de “bailarinos da bola”, do nosso futebol como um dança, atrelada ao samba, encontra ecos até hoje na imprensa nacional, principalmente nas Copas do Mundo, onde essa identidade é alçada a patamares de nacionalismo exacerbado. As ações escolhidas no texto de Freyre refletiram e legitimaram este pensamento no imaginário brasileiro. As escolhas de Freyre representam uma ação, fazendo com que sua narrativa também possua uma tessitura. No encadeamento de escolhas feitas pelo sociólogo é produzido um sentido de causalidade que ajuda a explicar os fatos narrados. Para isso, acreditamos que a seleção e exclusão de fatos e ações, assim como sua disposição em uma determinada ordem de acontecimentos, tem o objetivo de auxiliar nesse sentido final, mostrando, para nós analistas destes processos, mais do que a intenção do narrador e sim a estrutura da intriga como “o mundo” que a narrativa projeta (Matheus, 2014).

Logo, ao penetrar no imaginário é estabelecida uma importância ao futebol como identidade nacional, colocando-o como símbolo da miscigenação e uma diferenciação frente a outros povos, configurando-o e diferenciando-o de fantasias, adquirindo um atributo de realidade e aparência de real. Após a Copa de 1938, Mario Filho repetiu este argumento em suas colunas diárias, irradiando e consolidando esta narrativa como o referencial imediato ao se acionar o imaginário do futebol. Ele foi seguido pelos demais cronistas (como seu irmão Nelson Rodrigues e a expressão “pátria de chuteiras”), que vão buscar no sucesso do time e na narrativa de

um intelectual como Freyre o seu maior referencial e “prova” de que este mundo que associava seleção-nação era o “correto”, influenciando as interações futuras sobre este tema.

Considerações preliminares

Os imaginários sociais estabelecem uma ponte entre o mundo do leitor e do autor, criando uma reciprocidade cultural entre eles e tornando a narrativa possível. A atmosfera da Copa de 1938 e a terceira colocação na competição enfatizava o discurso da democracia racial construído por Freyre, demonstrando uma unidade necessária para uma nação repleta de regionalismos e diferenças culturais e que procurava algo em comum a todos os brasileiros. A miscigenação surge como este elo, que ligaria todos os brasileiros, tornando-se “real”, “concreta” e “comprovada” com a seleção de futebol. Concordamos com Hobsbawm (1990) ao destacar que a possibilidade de se intitular os “melhores do mundo” a cada vitória de um time de futebol sugerem simbologias que se aderem de maneira eficaz aos desejos e aspirações do futuro de uma nação. Essa força impulsiva presente nos grupos sociais que se associam aos “sonhos” de uma nação, algo ilusório que está no imaginário e que se busca por esses impulsos torná-lo realidade, é catalisado pelo mundo projetado por Freyre e até hoje usado nas narrativas das Copas do Mundo na imprensa nacional.

A partir da atmosfera de sentidos produzida pela competição de 1938, esse imaginário será revisitado de forma intensa a cada quatro anos. O que julgamos decisivo é que este acesso ao imaginário se dá pelos meios de comunicação. Através de intenções (no sentido de se ter uma posição e não de manipular), seleções e combinações realizadas pela mídia, se alcança esse determinado sentido. Essa criação mitológica do “país do futebol” tem no texto de Freyre, que dialoga e articula com essa atmosfera, o grande “embrião” que originou uma “árvore” de sentidos e repleta de ramificações sobre a associação futebol-nação. Desde a ideia de futebol-arte e a de “sermos os melhores do mundo”, passando pelo “ser brasileiro”, todas essas representações, observadas até hoje, se sustentam na atmosfera que o imaginário sobre o futebol no Brasil proporciona, que teve sua eclosão de sentidos em 1938.

Ao inserir de maneira eficaz no imaginário nacional os sentidos pretendidos sobre a competição, a sequência narrativa que relata as participações da seleção ao longo das Copas vai se apresentar com um desejo de manter intacta a representação de “sermos o país do futebol”, presente no imaginário, e uma visível adaptação de outros fatores a contextos históricos concretos. As micro-histórias e micro-ações de cada competição se unem em uma narrativa macro, construindo uma intriga, mesmo com rupturas, com possíveis reduções e adaptações da relação simbiótica vitória/derrota do time, perda/conquista da nação, por exemplo, mas que preserve o sentido produzido sobre a competição afim de não perder seu significado simbólico no imaginário. Entender as crônicas como narrativas que compreendem tal atmosfera

e propagam representações pela sociedade é fundamental para interpretarmos a força do gênero crônica esportiva em nosso país e o modo como elas captam determinados contextos históricos. Assim, este artigo teve como objetivo levar em conta essa força do imaginário selecionado pelas crônicas esportivas e utilizá-lo como auxílio para preencher lacunas na compreensão da robustez do evento Copa do Mundo na sociedade brasileira.

Ronaldo George Helal

Professor da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ)
Doutor em Sociologia (New York University)

Filipe Mostaro

Professor da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ)
Doutorando em Comunicação (UERJ)

Recebido em abril de 2018.

Aprovado em agosto de 2018.

Notas

1. Sarmento (2013) indica que este papel do esporte na diplomacia foi usado durante a primeira metade do século XX de forma extensiva nos países sul-americanos.
2. Fundado em 7 de novembro de 1825, o periódico pertencia ao Grupo Diários Associados de Assis Chateaubriand em 1938.
3. A narrativa sobre o “país do futebol” pode ser interpretada pelo conjunto de discursos que entrelaçam o campo político, econômico, midiático e social e visavam estipular o futebol como um símbolo imediato da nação. As construções de que “nenhum país ama o futebol como o nosso”, que “ninguém tem nossa habilidade”, associadas a superioridade de títulos nas Copas do Mundo estão presentes na imprensa até os dias atuais e projetam um mundo no qual possuímos uma singularidade que nenhuma outra nação possui, que nos confere essa ideia de sermos o “país do futebol”. Esta construção social é amplamente refletida e pesquisada, como no livro “A invenção do país do futebol”, organizado por Helal, Lovisolo e Soares (2001).
4. A escolha de um “marco fundador” é meramente simbólica e didática em nossa análise. Nossa compreensão de narrativa, com base nas ideias de Paul Ricoeur (1994), a entende como um processo, algo em curso. A crônica Football Mulato não surge “do nada”, ela está inserida num caminho que foi estruturando o futebol no imaginário nacional ao longo dos anos, em demais crônicas, que já procuravam chamar a atenção do “estilo nacional” de praticar tal esporte, com o objetivo de provocar uma alteridade e uma diferenciação frente as outras seleções e nações nesta construção de uma comunidade imaginada. A crônica de Freyre aglutina tais percursos e por conta do capital simbólico do autor, sugerimos a ideia de um “ponto de partida” sobre a

brasilidade durante as Copas do Mundo. Indo um pouco além, a crônica também pode ser inserida neste processo narrativo de criar uma nova identidade nacional, que já era pensada, por exemplo desde um evento cultural relevante para a história brasileira que foi a “Semana de Arte Moderna de 1922”. Nesta “nova identidade”, seriam enfatizados aspectos típicos de nossa cultura, como o samba, ao passo que o futebol, na visão da “antropofagia cultural”, que seria adaptar algo vindo de fora para as nossas peculiaridades e características, seria o maior exemplo deste pensamento. Originário dos ingleses, os brasileiros tinham “moldado” e “aperfeiçoado” o esporte através de técnicas corporais inerentes ao nosso traço mestiço, como Freyre defende na crônica e veremos mais adiante.

5. Esta proposta metodológica consiste em compreender que nenhuma narrativa é ingênua, ela cumpre determinados propósitos, com ações e escolhas que projetarão determinadas significações em contextos. Deste modo, o que será narrado e qual a ordem dos fatos, direciona os sentidos e arquiteta um mundo que o autor sugere como a “realidade” da situação social.

6. Ao defendermos que narrativas e imaginários estão intrinsecamente relacionados, entendemos que ambos são um processo, repletos de reconfigurações, adaptações e reconstruções em cada contexto. Por mais que se tente “engessá-los”, ambos fazem parte do processo de interação humana, em frequente negociação.

7. Estamos trabalhando aqui com o conceito de campos apresentado pelo sociólogo Pierre Bourdieu (2004).

8. Gilberto Freyre fez o prefácio do livro *O Negro no futebol brasileiro*(1947), de Mario Filho. Este livro incita debates interessantes sobre a construção do “país do futebol”, que podem ser encontrados na coletânea *A Invenção do país do futebol* de Helal, Lovisolo e Soares (2001).

9. Para uma discussão sobre o tema ver Helal, Mostaro e Fausto (2015).

10. Para uma análise do pensamento social brasileiro no período ver Ortiz (2012).

11. Aqui, consideramos a interpretação de França (2012) sobre o acontecimento jornalístico. Ela destaca que a repercussão do acontecimento se dá no momento em que ele vira narrativa, ganhando uma existência simbólica, tomando a esfera pública e interferindo na realidade social. Por este motivo acreditamos ser decisiva a configuração dada pela intriga dos cronistas aos acontecimentos durante a Copa do Mundo.

12. Para melhor entendimento desta expressão e de sua construção ao longo das Copas do Mundo ver: Mostaro (2017) *Imprensa e futebol-arte: as narrativas da “nossa essência” futebolística*.

13. Estamos falando daquilo que Erving Goffman (2012) entende como “quadro social” ou *frame*. Para o autor as performances presentes nas interações cotidianas são guiadas por padrões anteriormente compreendidos e convencionados pelos indivíduos que participam da sociedade, criando uma “situação social” na qual os signos, sejam gestos, ações e palavras são facilmente reconhecidas. Assim, estes “quadros de interação social” fornecem tanto condições quanto definições para

elaborar a “realidade social”, sendo fundamentados, compartilhados, adaptados e utilizados como referencial das culturas onde estão presentes. Acreditamos que a base para esses frames também está no imaginário e propomos a ideia de que a Copa do Mundo é um ritual de interação, exatamente por englobar essas ações e gestos compartilhados por quem participa dele.

14. Nesta concepção consideramos a proposição de Iser (2013) importante. Através da ideia dos “atos de fingir” Iser considera que o fictício e imaginário andam juntos, pois não podem ser totalmente fundamentados, já que suas características escapam da compreensão cognitiva. O autor também destaca que todo texto por mais que pretenda ser real, como o jornalístico se propõe, traz aspectos ficcionais. Iser (2013, p.31) entende que o real nunca é totalmente ou exatamente descrito, pois são condições análogas à realidade (mimese aristotélica). Dessa forma, ele pode ser entendido como um fingimento da realidade, se aproximando da ficção e preparando o imaginário. A relação entre ficção e realidade surge como algo maior do que esta oposição aparente entre eles, de maneira que a relação dupla ficção com a realidade deveria ser substituída por uma relação tríplice. Logo, através do jogo de interação entre real, ficção e imaginário será construída uma narrativa (cf. Iser, 2013).

15. Para melhor entendimento das interações provocadas pelas primeiras transmissões esportivas no imaginário nacional ver: *Narrativas sobre as primeiras transmissões de jogos internacionais da seleção brasileira* (Mostaro e Kischinhevsky, 2016).

16. Nilo Peçanha foi presidente do Brasil entre 1909 e 1910 após a morte de Afonso Pena. Freyre o coloca como o primeiro presidente negro do país.

17. Maranhão (2006) chama a atenção para o não dito nesta crônica. A ênfase na irracionalidade, improvisação e indisciplina do mestiço poderia levar a pensar que negros e mestiços seriam excelentes para o esporte, mas não para a ciência, política etc.

18. Nas Copas do Mundo mais recentes essa busca pelo futebol-arte aparece de forma mais tímida nas narrativas jornalísticas, sendo mais efusiva no meio publicitário, que ainda busca na ideia de estilo de jogo tipicamente nacional a nossa brasilidade (Mostaro, 2017).

19. Para maior detalhamento das narrativas de Mario Filho na formulação do Brasil Moderno, tendo como base o futebol recomendamos a leitura de Da Silva, Marcelino Rodrigues. *Mil e uma noites de futebol: o Brasil moderno de Mário Filho*. Editora UFMG, 2006.

Referências

- ARAUJO, Ricardo Benzaquen de. Chuvas de Verão. Antagonismo em equilíbrio em "Casa-grande e Senzala" de Gilberto Freyre. In: BOTELHO, André; SCHWARCZ, Lilia (Orgs.). *Um enigma chamado Brasil: 29 intérpretes e um país*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- BACZKO, Bronislaw. A imaginação social. In: LEACH, Edmund et al. *Anthropos-Homem*. Lisboa, Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1985.
- BORDIEU, Pierre. *Usos sociais da ciência*. São Paulo: Unesp, 2004.
- DA SILVA, Juremir Machado. *As tecnologias do imaginário*. Porto Alegre: Sulina, 2012.

DIÁRIO DE PERNAMBUCO. Recife, 15 jun.1938, p.11-16.

DURAND, Gilbert. *As estruturas antropológicas do imaginário: introdução à arquetipologia geral*. Lisboa: Presença, 1997.

FRANÇA, Vera. O acontecimento e a mídia. *Galáxia*. Revista do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Semiótica. ISSN 1982-2553, n. 24, 2012.

FREYRE, Gilberto. Foot-ball mulato. *Diário de Pernambuco*, Recife, 17 jun. 1938, p.4.

_____. *Casa Grande & Senzala. Formação da família brasileira sob o regime patriarcal*. Recife: Global Editora, 2003.

GOFFMAN, Erving. Os quadros da experiência social: um perspectiva de análise. Petrópolis: Vozes, 2012.

GUEDES, Simoni Lahud. Futebol e identidade nacional: reflexões sobre o Brasil. In: DEL PRIORE, Mary e MELO, Victor Andrade de. (Orgs.) *História do Esporte no Brasil: do império aos dias atuais*. São Paulo: Editora UNESP, 2009.

GUMBRECHT, Hans Ulrich. *Atmosfera, ambiência, Stimmung: sobre um potencial oculto da literatura*. Rio de Janeiro: Editora PUC-Rio/Contraponto, 2014.

HELAL, Ronaldo, SOARES, Antonio Jorge e LOVISOLO, Hugo. *A invenção do país do futebol: mídia, raça e idolatria*. Rio de Janeiro: Mauad, 2001.

HOBBSBAWM, Eric. *Nações e nacionalismo desde 1780*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

ISER, Wolfgang. *O fictício e o imaginário*. Rio de Janeiro: Eduerj, 2013.

LOPES, José Sérgio Leite. A vitória do futebol que incorporou a pelada-A invenção do jornalismo esportivo e a entrada dos negros no futebol brasileiro. *Revista USP*, n.22, p. 64-83, 1994.

MAFFESOLI, Entrevista Michel. Michel Maffesoli: o imaginário é uma realidade. *Revista Famecos*, Porto Alegre, v. 8, n. 15, p. 74-82, 2008.

MARANHÃO, Tiago. Apolíneos e dionisíacos - o papel do futebol no pensamento de Gilberto Freyre a respeito do povo brasileiro. *Análise social*, p. 435-450, 2006.

MASCARENHAS, Gilmar. *Entradas e bandeiras: a conquista do Brasil pelo futebol*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2014.

MATHEUS, Leticia Cantarela. Uma proposta hermenêutica para a Comunicação e a metáfora da Rádio Sucupira. *Revista Famecos*, Porto Alegre, v. 21, n.1, p. 123-147, 2014.

MELO, Victor Andrade de. Das touradas às corridas de cavalo e regatas: primeiros momentos da configuração do campo esportivo no Brasil. In: DEL PRIORE, Mary e MELO, Victor Andrade de. *História do Esporte no Brasil: do império aos dias atuais*. São Paulo: Editora Unesp, 2009.

MOSCOVICI, Serge. *Representações sociais: investigações em psicologia social*. Trad. Pedrinho A. Guareschi. 9 ed. Petrópolis: Vozes, 2012.

MOSTARO, Filipe. *Imprensa e o futebol-arte: as narrativas da “nossa essência futebolística”*. Curitiba: Editora Prismas, 2017.

MOSTARO, Filipe e KISCHINHEVSKY, Marcelo. Narrativas sobre as primeiras transmissões de jogos internacionais da seleção brasileira. *Revista LIS - Letra, Imagem, Somido*, Buenos Aires, v. 15, p. 147-165, 2016.

MOTTA, Luiz Gonzaga. *Análise crítica da narrativa*. Brasília: Editora UnB, 2013.

ORTIZ, Renato. *Cultura brasileira e identidade nacional*. 5.ed. São Paulo: Brasiliense, 2012.

REGO, J. L. do. Biografia de uma vitória. In: *Mário Rodrigues Filho. Copa do Rio Branco*, 32. Rio de Janeiro: Irmãos Pongetti Editores, 1943, p. 7-8.

RICOEUR, Paul. *Tempo e Narrativa*. São Paulo: Martins Fontes, 2010.
SÁ, Simone Pereira. Notas sobre a indústria do entretenimento musical e identidade no Brasil. *Comunicação, Mídia e Consumo*, São Paulo - SP, v. 1, p. 35-49, 2004.
SARMENTO, Carlos Eduardo Barbosa. *A construção da nação canarinho: uma história institucional da seleção brasileira de futebol, 1914-1970*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2013.
SEVCENKO, Nicolau. Futebol, Metrôpoles e Desastinos, Dossiê Futebol, *Revista USP*, n.22, jun-ago./1994.

Resumo

Este artigo tem como objetivo indicar a influência do gênero crônica na elaboração e solidificação de um imaginário nacional em torno do futebol e na proliferação de seus sentidos na sociedade. Elegemos como objeto de estudo o artigo *Foot-ball Mulato* escrito pelo sociólogo Gilberto Freyre no *Diário de Pernambuco* no dia 17 de junho de 1938, em meio a realização da Copa do Mundo do mesmo ano. Procuramos compreender através da análise de narrativas (MOTTA, 2013) como Freyre projeta um mundo selecionando ações e articulando-as com o imaginário nacional para reforçar seu pensamento da miscigenação como algo positivo e tendo o sucesso da seleção brasileira de futebol no torneio como exemplo mais fulgurante.

Palavras-chave

Imaginário. Narrativas. Futebol. Copa do Mundo. Gilberto Freyre.

Abstract

This article aims to indicate the influence of the chronic genre in the elaboration and solidification of a national imaginary around football and in the proliferation of its meaning in society. We chose as object of study the article *Foot-ball Mulato* written by the sociologist Gilberto Freyre in the *Diário de Pernambuco* on June 17, 1938, during the World Cup of the same year. We seek to understand through narrative analysis (MOTTA, 2013) how Freyre projects a world selecting actions and articulating them with the national imagination to reinforce his thinking of miscegenation as something positive and having the success of the Brazilian football team in the tournament as its more emblematic example.

Keywords

Imaginary. Narratives. Football. World Cup. Gilberto Freyre.